Álvaro Pinto: D'«A Águia» ao «Ocidente»

Alfredo Ribeiro dos Santos

Sem a vontade e a persistência de *Álvaro Pinto, a «Renascença Portuguesa»* não teria sido o movimento dominante da cultura portuguesa durante mais de uma década.

No fim de 1906, encontram-se no Porto Leonardo Coimbra, com 22 anos, Jaime Cortesão, um ano mais velho, e Teixeira de Pascoaes, com 29. Este vem abrir escritório de advogado, Leonardo vem frequentar a Academia Politécnica e Jaime a Escola Médico-Cirúrgica.

No Porto está também desde o liceu um estudante que só frequentou ao curso médico durante um ano e não terminaria curso algum da Politécnica. É Álvaro Pinto, nascido na Barca d'Alva em 29 de Novembro de 1887.

Este jovem manifestara já espírito de iniciativa e interesse por publicações literárias. Com Leonardo e Cortesão ele será um dos fundadores, no começo de 1907, da revista *Nova Sintra,* onde se reflecte o Anarquismo de que, sob a influência de Proudhon, o grupo fazia a experiência duma forma intelectual, imbuído da ideologia desse sistema político.

Álvaro Pinto interessava-se, particularmente, por uma experiência pedagógica inovadora a Escola Livre.

Esse grupo de estudantes agita-se, então, com a «Questão Académica» de 1907, desencadeada em Coimbra.

Depois da efémera duração da *Nova Silva,*, de que se publicaram cinco números, a sua influência alarga-se a um pequeno magazine, a *Ilustração Popular,* em que Álvaro Pinto faz crítica teatral.

Menos de dois meses depois da implantação da República, em 1 de Dezembro de 1910, começa a publicar-se no Porto uma revista cujo nome ficaria famoso – *A Águia.* Fundada e dirigida por Álvaro Pinto, ela precede o orgão da *Renascença Portuguesa.*

Quando Álvaro Pinto suspendeu a publicação, ao fim de 10 números, Jaime Cortesão concebe a ideia de a transformar, numa segunda série, no orgão de uma associação de intelectuais e artistas, destinada a exercer uma acção renovadora no sentido duma pedagogia cívica que tinha faltado para que à queda da monarquia se tivesse seguido uma verdadeira revolução. Assim surge a *Renascença Portuguesa,* com um porta-voz literário – *A Águia* – onde Teixeira de Pascoaes, poeta de génio, defende uma teoria poético-filosófica – o *Saudosismo* – expresso em algumas obras de sentido universal.

Retrato de Álvaro Pinto por António Carneiro

Cortesão inicia o seu projecto reformador, que formulara com a publicação *d'A Vida Portuguesa,* quinzenário de inquérito à vida nacional onde se enunciam os grandes problemas se dá conta da actividade de uma *Universidade Popular,* com algumas secções públicos e cursos especiais orientados segundo regras didácticas, a cargo de professores ligados ao Movimento.

Álvaro Pinto é o administrador das suas publicações, colaborador da obra educativa e Presidente do Conselho de Administração da *Renascença Portuguesa.* Mas é na grandiosa obra editorial do Movimento que ele evidenciará a notável capacidade de organização desse ramo de actividade cultural, que será a grande paixão da sua vida.

Máximo obreiro da *Renascença* e sua coluna vertebral, como um ao outro Álvaro Pinto e Cortesão se intitulavam, ambos colaboraram estreitamente. E quando Cortesão se lança com ardor na grande campanha a favor de renovação cultural do Movimento, quando no Parlamento luta pela estabilidade política indispensável ao esforço militar, quando parte como médico militar voluntário para a frente de combate, donde regressa atacado pelos gases e, seguidamente, é preso pelo Sidonismo, é Álvaro Pinto quem segura *A Águia* na sua queda, excitando a crise. Já fora ele, aliás, quem antes superara o afastamento voluntário de Pascoaes da direcção literária *d'A Águia,* embora esta fosse mais honorária do que efectiva. Não se esqueça porém que o Poeta representava o *Saudosismo,* origem da fama da revista.

Quando Jaime Cortesão foi nomeado Director da Biblioteca Nacional pelo Ministro da Educação, Leonardo Coimbra, Álvaro Pinto tomou o lugar de chefe dos Serviços Administrativos. Pouco tempo exerceu o cargo porque, profundamente impressionado pela agitação política, nesse ano de 1919 particularmente grave, emigrou para o Brasil logo a seguir.

Ele via agora as consequências do republicanismo positivista que o jovem libertário tivera relutância em aceitar.

Enquanto Álvaro Pinto reage pela renúncia, Cortesão, também desiludido a ponto de abandonar a política partidária, decide-se pela acção.

Receoso de que Cortesão lance *A Águia* na intervenção política directa, Álvaro Pinto transfere a revista para o Brasil, e, querendo preservá-la, lança-se na sua mais importante crise. Editada no Brasil, a revista perde o carácter. Álvaro Pinto desiste e entrega-a a Augusto Martins (1921). Cortesão fundara entretanto a *Seara Nova,* nesse mesmo ano, com o grupo de Lisboa.

Leonardo Coimbra toma a direcção *d'Águia,* iniciando uma terceira série.

Porém, nem o filósofo nem o matemático Augusto Martins eram personalidades com capacidade directiva. Mesmo com o sangue novo dos discípulos de Leonardo da Faculdade de Letras do Porto, a revista publica-se irregularmente até 1932.

No Brasil, Álvaro Pinto inicia o que, em páginas das suas memórias, denomina as suas «aventuras editoriais». Na verdade, ele foi o pioneiro das grandes editoras. Nessa nova indústria, entre os seus colaboradores destaca-se o artista português Correia Dias, autor da capa da 2.ª série *d'Águia.* Ele fora também director artístico da revista *Rajada,* publicada em Coimbra em 1912 e continuada no Brasil, tornando-se um inovador na arte da ilustração do livro.

Álvaro Pinto fundou a editora *Anuário do Brasil* que publicou obras de principais escritores brasileiros e alguns portugueses, do grupo *d'Águia.* Acolheu com estímulo os primeiros modernistas brasileiros, editando-lhe as suas obras. Foi ele ainda quem lançou a magnífica revista *Terra de Sol,* em que, ao lado dos escritores brasileiros, colaboraram portugueses, como Jaime Cortesão e António Sérgio.

Álvaro Pinto afirmou-se como notável jornalista, lutando com pertinácia pelas grandes questões que se têm arrastado nas difíceis relações luso-brasileiras, como a circulação do livro, a convenção ortográfica e os acordos comerciais, enfrentando com coragem a corrente nativista. Mas foi no domínio da Cultura que, exercendo uma acção permanente, se colocou no primeiro plano dos intelectuais que adoptaram a dupla nacionalidade portuguesa e brasileira para exemplo da Comunidade.

Apesar da sua extraordinária capacidade de trabalho, do valor das suas iniciativas, da adesão de grandes escritores brasileiros, Álvaro Pinto enfrentou permanentes dificuldades económicas, por falta de apoios financeiros indispensáveis aos seus audaciosos empreendimentos. E acabou por regressar à Pátria, em 1932, mais pobre do que partira.

Álvaro Pinto retomou o seu lugar de funcionário na Alfândega. Mas, em 1938 lançou-se em novo projecto cultural, com a publicação da magnífica revista *Ocidente,* de tendência nacionalista, no sentido de tratar das Letras, das Artes, da História e da Etnografia portuguesas.

Fiel ao lusitanismo de Pascoaes, dá nas páginas da revista largo contributo para a história da enascença Portuguesa e acolhe alguns dos colaboradores *d'Águia,* com quem retomara o contacto.

Ocidente é também uma revista luso-brasileira, pelo manifestado pelo intercâmbio cultural entre as duas pátrias e pela colaboração de autores de além-Atlântico.

A partir da revista, Álvaro Pinto realiza ainda uma importante obra editorial, em que publica algumas das mais importantes obras de clássicos e de modernos portugueses e brasileiros. É a Álvaro Pinto que se deve enfim em 1942, a *Revista de Portugal.*

A orientação da revista *Ocidente* é significativamente definida no seu primeiro número: «O próprio título é já um programa – queremos erguer aqui uma trincheira nova em que os fundamentos da cultura ocidental encontrem de novo quem os defina e defenda».

Ao apresentar-se como expressão da luta contra a hegemonia comunista no campo intelectual, este movimento literário opunha-se a um movimento saído do marxismo, em 1934: o Neo-Realismo que pretendia pôr as Letras e as Artes ao serviço de uma ideologia partidária.

A *Ocidente* publicou 422 números, nela tendo colaborado muitos escritores inconformistas com o regime salazarista, como José Régio, Jorge de Sena, António José Saraiva, Jacinto do Prado Coelho, António Sérgio, Aquilino e Cortesão e também Manuel Mendes, Rogério Fernandes, Lindley Sintra e muitos mais.

Notável jornalista, embora sem uma obra publicada que o evidencie, Álvaro Pinto merece uma justa homenagem como lutador pelo idealismo da *Renascença Portuguesa* e como homem de acção editorial e pedagógica, cujo ardente patriotismo tem uma dupla expressão: portuguesa e brasileira.

A sombra do Tâmega

Minha santa janela, onde eu medito
E digo adeus ao sol e falo ao vento...
E saúdo a aurora e leio no Infinito
E sinto, às vezes, um deslumbramento!

Vejo, de ti, a Serra e aquele val',
Onde aparece a imagem indecisa
Dum rio de águas mortas, espectral,
Que, entre sombrias árvores, desliza.

E vejo erguer-se o rio cristalino,
Transfigurado em sonho ou nevoeiro...
E faz-se eterno espírito divino
Aquele corpo de água prisioneiro.

«A Sombra do Tâmega», in As Sombras

Teixeira de Pascoaes

Pascoaes por Carlos Carneiro